

Por uma descolonização das Filosofias da diferença

PAULO PETRONILIO CORREIA*

Resumo: O objetivo deste texto é descolonizar a Filosofia da diferença tal como foi pensada pela epistemologia hegemônica, eurocêntrica e de supremacia branca. Como sabemos, a diferença, tal como nos chegou pelo poder/saber ocidental é uma fantasia e imposição colonial. Tal fantasia nos impossibilitou a pensar a diferença a partir de nós, sujeitos subalternos e invisibilizados. Isso resultou no apagamento e na deslegitimidade dos saberes negros, quilombolas, dos povos originários e sujeitos subalternizados, uma vez que fomos bestializados, invisibilizados e desumanizados. Portanto, pretendemos aqui dar o lugar correto à diferença decolonial, a partir de um novo giro, a fim de denegrir e esculhambar com a filosofia da diferença eurocêntrica que mantêm a dominação e hegemonia ocidental que é racista.

Palavras-chave: Diferença; Filosofia; Descolonização; Lélia Gonzalez; Pretuguês.

For a decolonization of the Philosophies of Difference

Abstract: The objective of this text is to decolonize the Philosophy of difference as it was conceived by the hegemonic, Eurocentric and white supremacist epistemology. As we know, difference, as it came to us from Western power, is a fantasy and a colonial fortress. Such a fantasy is not impossible to think the difference from us, subaltern and invisible subjects. This resulted in the erasure and in the turn of black knowledge, quilombolas, original and subalternized peoples, once we were bestialized, made invisible and demanized. Therefore, we intend here to give the correct place to the decolonial difference, from a new turn, in order to denigrate and smear with the philosophy of Eurocentric difference that maintains the domination and western hegemony that is racist.

Key words: Difference; Philosophy; Decolonization; Lélia Gonzalez; Pretuguês.



* **PAULO PETRONILIO CORREIA** é Pós Doutor em Teoria Literária pela PUC/Goias. Pós Doutor em Performances Culturais pela UFG. Doutor em Educação pela UFRGS. Professor Associado II da Universidade de Brasília-Campus Planaltina. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Literatura/ PósLit e Professor do Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas para a Infância e Juventude-CEAM-UNB. Email: petrot@unb.br ou ppetronilio@uol.com.br

Introdução

O objetivo central deste artigo é descolonizar as chamadas Filosofias da Diferença que foram impostas e consagradas pelo Ocidente colonial e eurocêntrico, como epistemologia e modelo único de pensamento. Como sabemos, fomos forçados a pensar a Diferença a partir de um ponto de vista eurocêntrico, hegemônico e aprendemos que a diferença é um construto e uma invenção violenta da colonialidade do poder (QUIJANO, 2019), mantenedora inquestionável do saber, portanto, desumanizadora do ser. Ou seja, a diferença, tal como a conhecemos, é uma imposição e uma violência colonial.

Tais filosofias ocidentais não surgem para mostrar as nossas complexidades enquanto humanos, uma vez que tudo que está fora da Europa não é visto como humano. Pelo contrário, elas surgem para nos desumanizar, a partir de criações hierárquicas, universalistas, essencialistas, fantasmagóricas e opressoras. Não é de se admirar que toda invenção do Ocidente foi, de certo modo, para nos apagar, nos invisibilizar, nos retirar do projeto de humanidade e no deixar na “zona do não ser” (FANON, 2020) ao nos bestializar, nos coisificar e nos animalizar.

Pensadores negros da contemporaneidade como Renato Nogueira vêm propondo pensar fora dessa roda eurocêntrica. A partir de críticas que ele faz à Grécia como matriz do conhecimento, Nogueira tenta denegrir essa filosofia autorizada que nos desumaniza e que se coloca como fonte primeira e primária do conhecimento:

Afinal, conceber a filosofia como matriz grega não deixa de ser um modo de subsumir às diferenças à identidade. Por isso, problematizar a própria origem da filosofia, debater o caráter de patente que finca na Grécia o seu surgimento é uma condição de possibilidade para abertura de novos caminhos para o pensamento. Por fim, deixo mais um problema que pode ser trabalhado com o conceito de denegrir, uma proposta de coreografia para que leitoras e leitores deixem o pensamento em movimento. A filosofia é da ordem da pluralidade territorial, não é caso de uma exclusividade grega, europeia e ocidental (NOGUERA, 2011, p.17-18).

No entanto, segundo Renato Nogueira, o Ocidente nos fez acreditar que o berço do conhecimento é a Grécia, estendendo para a Alemanha e toda Europa. Dito isso, fazer filosofia nos moldes coloniais, significa não sair dessas linhas abissais que dividem o mundo em dois. Mundo esse que teve seu ponto alto em Descartes, ao separar sujeito de objeto e se legitimar, de forma dicotômica, em todas as áreas dos saberes. De lá para cá, poderia dizer, tivemos o Ocidente como modelo de “humanidade”.

A tradição eurocêntrica e ocidental tem sua reviravolta no pensamento de Nietzsche, pois ele era visto como a única possibilidade capaz de dismantlar a tradição platônico socrática e cristã. Noções clássicas como “a morte de deus”, do homem e do sujeito, são estratégias coloniais para afirmar a própria supremacia branca que são universais e essencialistas, tais como as ideias de Homem, Deus e Sujeito. De qual homem eles falam? De qual sujeito? Essas são as mais perversas armadilhadas do poder/saber hegemônico que mantém a ideia de

Deus, o essencialismo, o imperialismo e o universalismo, que são, por sua vez, as maiores justificativas do racismo. Ou seja, se o racismo existe, é porque Deus não foi morto suficiente.

Esse texto então, é uma forma de descolonizar a epistemologia da diferença, de rir das categorias sérias do pensamento, zombar e esculhambar com a moral platônico-socrática-cristã e com toda tradição que se fundou na Grécia, depois na Alemanha, depois na Europa, ou seja, descolonizar a filosofia significa arrebatá-la por dentro e por fora de seu *logos*. Descolonizar significa sair da filosofia pela própria filosofia, ou seja, ela mesma se autoenraba, se engravida e estranha o próprio filho monstruoso.

Esculhambar aqui significa avacalhar, bagunçar, estragar, causar dano. Significa também desfazer, deslocar, criar fissuras, borrar e denegrir no sentido etimológico do termo do latim “denigrare”. Denegrir, nesses termos, significa zombar da filosofia branca e torná-la negra, denegrindo-a, manchando-a. Denegrir significa trazer a pele negra da filosofia, como sugeriu o pensador da diáspora Renato Nogueira (2011), ao propor encarar a filosofia como território de afroperspectivas.

Denegrir, também acrescento, é colocar em suspeita toda uma construção que se consagrou como epistêmica e fez eclodir a epistemologia. Se hoje em dia avançamos a ponto de tentarmos sair dessa clausura ocidental foi por que começamos a desconfiar que o saber original tenha de fato vindo da Grécia. De certo modo era esse tipo de deslocamento que a intelectual e militante brasileira Lélia Gonzalez, na década de 1970 já havia proposto ao denunciar o racismo e o sexismo na cultura brasileira:

Por isso mesmo, todos nós, brancos e negros interessados na questão da justiça, interessados no efetivo desenvolvimento, interessados no estabelecimento de uma efetiva democracia neste país, temos que nos irmanar e lutar contra essas forças da opressão que são imperialistas, colonialistas. E quando falo que elas são colonialistas, quero dizer, que são racistas (GONZALEZ, 2018, p. 228).

Ao aprendermos com a nossa ancestral Lélia Gonzalez, tivemos a oportunidade de propor outras geografias da razão e pensar a diferença não mais a partir do ocidente, mas pensá-la a partir de nós, subalternos, silenciados, invisibilizados e desumanizados. Precisamos ensaiar a diferença que dê conta de nossos múltiplos processos de subjetivação e que consiga nos contemplar enquanto humanos e não mais fortalecer esse conceito hegemônico que não restitui a nossa humanidade, pelo contrário, continua nos violentando, nos subalternizando, nos desumanizando e nos invisibilizando. Ou seja, a diferença é uma fantasia da colonialidade do poder, do ser e do saber. Derrubar, descolonizar e subverter essa noção imperial de diferença é fundamental para propormos um novo projeto de humanidade e um novo giro no interior da própria diferença. A diferença eurocêntrica, por mais bem-intencionada que seja por nos trazer o discurso da multiplicidade não é suficiente, aliás nunca deu conta de nossas multiplicidades que são marcadas, localizadas, geopoliticamente. A diferença colonial é fiel ao “pai” ao *logos*. Logo, é fiel ao pacto narcísico da branquitude por fazer parte de um certo contrato racista. Descolonizá-la significa estilhaçá-la a partir de um pensar rebelde e insubmisso.

Para fazer esse movimento de descolonização de saberes, irei propor três movimentos que se entrecruzam: o primeiro intitula-se “As Filosofias da diferença”, para situá-las a partir de sua construção colonial, eurocêntrica e ocidental. O segundo momento, “Enegrecendo a diferença”, trago a importância do feminismo negro, sobretudo da pensadora Sueli Carneiro para esse movimento. Por fim, “Descolonizando a diferença”, abordo a importância da luta de mulheres racializadas para essa reviravolta epistemológica.

As Filosofias da diferença

As Filosofias da Diferença tal como a conhecemos é uma fantasia colonial. As filosofias da diferença são imposições da colonização eurocêntrica. O que isso quer dizer? A tradição eurocêntrica nos mostrou Nietzsche como o marco teórico e epistemológico, a “guinada” do pensamento e o apontou como o pensador da Diferença que provocou, por sua vez, uma nova forma de pensar e influenciou os demais pensadores. Costumamos dizer que tivemos, na tradição filosófica, uma fase antes de Nietzsche e outra pós Nietzsche, pois ele ficou conhecido, entre nós, ao propor uma nova transvaloração de todos os valores, forjou uma maneira de pensar dos que vieram depois e ficaram consagrados como pensadores da diferença como Jaques Derrida, Michel Foucault e Gilles Deleuze, somente para abordar os mais conhecidos. Essa tradição, que já vinha, de certo modo dos gregos, perpassou o pensamento do alemão Martin Heidegger, com a chamada “diferença ontológica” e continua martelando em nossos ouvidos, pois nos ensinou a filosofia de supremacia branca que somente seria possível filosofar em alemão. Com o advento do pós-estruturalismo, tivemos

uma geração de pensadores que, de certo modo, recorreram Nietzsche como o marco da diferença, pois com a “morte de Deus”, surge uma reviravolta em toda uma tradição grega de origem platônica, socrática e cristã. Emerge, por fim, uma nova forma de pensar uma nova ética e uma nova estética de existência. A descoberta do sujeito, a desconstrução e os novos agenciamentos maquínicos surgem para colocar em xeque de vez aquele saber essencialista, universalista e metafísico.

É evidente que de diferentes maneiras concordamos que esses pensadores provocaram fortes deslocamentos na maneira de pensar e viver a contemporaneidade e não tiramos seus méritos pois, de certo modo, a diferença, tal como a entendemos, tem suas marcas profundas nesses pensadores brancos e europeus. O que queremos dizer é que nós precisamos, a partir de nós mesmos, pensar a diferença e sermos menos dependentes da diferença colonial e eurocêntrica. Mais que isso, é uma reparação epistêmica valorizarmos e trazermos a diferença preta que já se fazia presente na tradição do pensamento, mas que nunca foi ouvida e nem dado seu correto valor. Pelo contrário, foi apagada da história.

Sem dúvidas, a diferença, fora dos moldes brancos e eurocêntricos tem sua base no poeta, dramaturgo e pensador Aimé Césaire e em Frantz Fanon. Este, fortemente influenciado por aquele. Fanon foi, sem dúvida, o pensador que pavimentou o terreno para hoje pensarmos a diferença preta. Sua influência foi fundamental para que hoje possamos, com maior segurança, deslocar a diferença desse lugar hegemônico. Tanto Césaire quanto Fanon, poderia dizer, foram duas grandes rebeldias necessárias para hoje

podemos tensionar a noção de diferença brancocentrada e pensar a partir de nossos processos de subjetivação. Foi o que nos permitiu, por fim, enegrecer e descolonizar a diferença. Aqui no Brasil, poderia dizer, a primeira pensadora negra decolonial ao propor um novo giro epistemológico e um feminismo decolonial mesmo sem ter esse intuito, foi Lélia Gonzalez. Ela instaura um novo giro e traz a Filosofia diferença que ela chama de “pretoguês” que detalharemos mais a diante.

Dito isso, é impossível falar em descolonização da Filosofia sem trazer a minha experiência como filósofo. A trajetória de Lélia como mulher negra filósofa e de Candomblé se aproxima muito com a minha, pois vivenciei todo um processo de embranquecimento ao longo de minha formação acadêmica euro branca e vale a pena mostrar como tenho lutado a todo instante com esse processo de descolonização epistemológica.

Por viver uma sociedade que não legitima e nem humaniza o homem negro, enfrentei muitas crises quando eu fazia Filosofia ao mesmo tempo em que praticava Candomblé. Assim Lélia Gonzalez se desenha:

Na faculdade eu era uma pessoa cuca, já perfeitamente embranquecida, dentro do sistema. Eu Fiz Filosofia e História. E, a partir daí, começaram as contradições. Você enquanto mulher e enquanto negra sofre evidentemente um processo de discriminação muito maior. E, claro que, enquanto estudante muito popular na escola, como uma pessoa legal, aquela pretinha legal, muito inteligente, os professores gostavam esses baratos todos..., mas quando chegou a hora de casar, eu fui me casar com um cara branco. (...) a partir daí fui transar

o meu povo mesmo, ou seja, fui transar candomblé, macumba, essas coisas que eu achava que eram primitivas. Manifestações culturais que eu, afinal de contas, com uma formação em Filosofia, transando uma forma cultural ocidental não sofisticada claro que não podiam olhar como coisas importantes (GONZALEZ, 2018, p. 82-83).

Ao se formar em História e Filosofia, duas áreas tão sofisticadas, Lélia foi mostrando como se deu seu processo de branqueamento e logo após o escurecimento, até ela ter essa consciência preta de voltar às suas origens e transar com os seus. Como ela mesma diz, era uma mulher que se destacava. Houve, sem dúvidas, uma luta para descolonizar o eu e o pensamento eurocentrado a que foi forjada.

Mas primeiro ela teve toda uma crise até deixar de lado a peruca e aceitar sua estética afro. Então ela viveu várias contradições. Por um lado, tentando se embranquecer, resultado de toda uma formação colonial e por outro lado tentando se afirmar como mulher negra.

Ora, já que estamos falando em descolonização do pensamento hegemônico, vale um recuo no tempo e trazer rapidamente a minha formação eurocentrada, ou seja, fui forjado pelo pensamento branco e tenho tentado a cada dia sair dessa grande noite colonial. Creio que descolonizar tem a ver com uma postura crítica diante do mundo e para isso precisamos nos colocarmos enquanto sujeito no pensamento e na ação.

O pensamento colonial tem essa marca violenta de tirar a nossa subjetividade e nos impossibilitar de falar de nós, nos seduzindo, com isso, com o fascínio da transcendência, o universal que, a meu ver, não diz nada, não explica nada.

Demorei muito tempo para perceber isso. Quando comecei a olhar para mim mesmo foi quando comecei a estranhar a filosofia como saber originário da Grécia, perpassando a Alemanha e a França, ou seja, quando comecei a aprender a sair dela por ela mesma, descosturando-a, esculhambando-a e propondo, com isso, outra narrativa para falar do mundo e de mim mesmo.

De fato, o feminismo hegemônico se fundou a partir de noções como identidade e diferença e, com isso, aos sistemas de representação. O feminismo negro sai dessa clausura e amplia o debate. Avança e cria caixas de ferramentas epistemológicas chaves para atualizar o debate. Não se derruba as opressões apenas apoiado em políticas identitárias. Pode ser estratégia de luta política, mas não um fim em si mesmo. Nossa luta é para derrubar todas as formas de opressão: militarismo, capitalismo, imperialismo e sua grande base: o racismo.

Desse modo, o feminismo negro, de forma radical, luta contra as várias opressões sociais seja de classe, raça, gênero, sexualidades, interseccionando e problematizando as posições que os sujeitos geograficamente e historicamente localizados ocupam. Daí a noção de lugar de fala como uma política coletiva que coloca em xeque essa voz una que sempre teve autorização discursiva para falar e existir que é a do homem, heterocispatriarcal, branco, cristão, europeu, ou seja, o pensamento ocidental. No entanto, essas vozes ditas subalternas tentam criar canais e possibilidades de escuta e reconhecimento de suas plenas humanidades.

O que todos têm em comum, poderia dizer, é a busca pela visibilidade, pelo direito de humanidade e liberdade. Em outras palavras, se estamos falando em

descolonizar epistemologias e permitir criar novas encruzilhadas hoje, a partir de um novo crivo no caos, é por que uma onda subversiva e transgressora vem operando no sentido de colocar em xeque as nossas verdades dadas a priori. Dito de outro modo, propor pensar a diferença a partir da descolonização, significa uma luta para enegrecer a própria filosofia da diferença. O que isso quer dizer, será nossa próxima travessia.

Enegrecendo a diferença

Ora, foi a filósofa e ativista Sueli Carneiro que utilizou pela primeira vez o termo “enegrecer o feminismo”. Essa necessidade de demarcar esse lugar geopolítico é fundamental, pois as mulheres negras a muito tempo vêm reivindicando seus lugares sociais e políticos de fala, uma vez que não se sentiram incluídas e representadas no chamado feminismo hegemônico, o de mulheres brancas. Ou seja, o feminismo de mulheres brancas nunca reconheceu a humanidade das mulheres negras. Essa invisibilidade resultou não somente no apagamento, como no “epistemicídio” (SANTOS, 2005), ou seja, na morte e apagamento da história e das produções do povo negro.

Ao trazer e elucidar esse lugar que já vinha trilhado e pavimentado pelas mulheres negras que a antecederam, como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento e outras. Antes mesmo do feminismo negro existir enquanto categoria epistemológica nas universidades, as mulheres negras já se movimentavam em várias direções e buscavam as suas humanidades. Categorias epistêmicas que hoje em dia são pensadas nas academias como interseccionalidade, lugar de fala e empoderamento já eram forjadas pelas mulheres do movimento negro, uma vez que a palavra não exista, mas elas já

pensavam de forma interseccional, já mostraram seu empoderamento feminino e já anunciavam e enunciavam seus lugares sociais e político de fala:

Enegrecer o movimento feminista brasileiro significa, concretamente, demarcar e instituir na agenda do movimento de mulheres o peso que a questão racial tem na configuração, por exemplo, das políticas demográficas, na caracterização da questão da violência racial como aspecto determinante das formas de violência sofridas por metade da população feminina do país, que não é branca; introduzir a discussão sobre as doenças étnicas/raciais ou as doenças com maior incidência sobre a população negra como questões fundamentais na formulação de políticas públicas na área da saúde; instituir a crítica aos mecanismos de seleção no mercado de trabalho como a “boa aparência”, que mantém as desigualdades e os privilégios entre as mulheres brancas e negras (CARNEIRO,2019, p.316).

Ora, segundo Sueli Carneiro a importância de enegrecer o feminismo é fundamental para demarcar a agenda das mulheres negras com as suas especificidades e anseios, uma vez que o feminismo de mulheres brancas não conseguiu, em suas lutas, dar a visibilidade que as mulheres negras sempre necessitaram.

Reconhecer o lugar das feministas negras no processo de construção das filosofias das diferenças é fundamental. Para isso, é preciso, sem dúvidas, não somente enegrecer a diferença, mas todo território hegemônico da filosofia.

Mais que isso, é preciso desconfiar, inclusive do termo “epistemologia” que é uma invenção ocidental e branca que surge para bestializar, inferiorizar e separar sujeito de objeto e ter o

privilégio epistêmico, pois a episteme, o legítimo e verdadeiro conhecimento quem produz é o homem branco, cis, patriarcal, imperial e heteronormativo. Em vez de usar epistemologia, prefiro “saberes”. Nesse sentido, enquanto o homem branco produz epistemes, cultura erudita, pelo crivo da razão, o “Outro”, o subalterno produz cultura popular, pelo crivo da emoção. Enquanto aquele possui uma língua, este, possui dialeto. Essa classificação racista que inferioriza, bestializa e desumaniza foi o que a hegemonia concebeu como “diferença”, desprezando, por sua vez, todas as outras formas de conhecer, saber, ser e pensar. Dito isso, precisamos não mais de uma cosmovisão, já que esse é um construto do ocidente que não reconhece, por sua vez, outras formas de conhecer e se expressar no mundo como a oralidade e o próprio corpo. Substituímos epistemologia por saberes e cosmovisão por “cosmopercepção”. Para participar do conhecimento, precisamos gozar da *ratio* ocidental, a mantenedora e legitimadora de todo saber.

Trazer o feminismo negro como máquina de guerra ou estratégia política e revolucionária é a forma mais instigante de atacar esse lugar que se cristalizou como verdade única e inabalável. Fito de outro modo, a encruzilhada, por interseccionar as diferenças, é o próprio signo da diferença. E o feminismo negro, boca coletiva e porta voz- da encruzilhada, transforma-se no fio condutor que nos leva a pensar acerca de nossas humanidades. Ao propor uma epistemologia negra feminista Patrícia Hill Collins, salienta:

Devemos ter em mente que o pensamento feminista negro compreende as lutas das mulheres negras como parte de uma luta mais

ampla pela dignidade humana e pela justiça social. Quando aliado ao princípio epistemológico feminista negro de que o diálogo permanente fundamental para avaliar as manifestações de conhecimento, a perspectiva dos domínios de poder apresentada aqui deve servir para estimular diálogos sobre o empoderamento (COLLINS, 2019, p. 437).

Sem dúvidas, o feminismo negro foi fundamental nessa busca de outras vozes e da tentativa de mostrar que por mais que surgem cientistas bem-intencionados, a voz de dentro, do “nativo” deve começar a criar fissuras no discurso hegemônico, europeu e branco, para que de fato o subalterno possa romper com os silêncios e questionar, inclusive, quem está autorizado a falar, ou seja, que regime de autorização discursiva é esse que sempre esteve autorizado a falar que é a voz do homem branco, cristão e europeu. Por fim, assumir o ato de enegrecer o pensamento como base decolonial, é a maneira mais atrevida e correta que temos para descolonizar a diferença, pois, somente descolonizando-a que podemos pensar a diferença a partir de nossos corpos pretos das nossas múltiplas subjetividades. Mais que deslocar, é fissurar, borrar, esculhambar e denegrir no sentido de enegrecer, tornar negra a própria diferença. Portanto, descolonizar a diferença é um ato de rebeldia e de desobediência no interior da própria diferença.

Descolonizando a diferença

A descolonização da diferença, do eu e da subjetividade é um projeto para toda vida. Para esse processo, precisamos aprender com o feminismo negro e entender como as mulheres negras redefinem e descolonizam a diferença. Desse modo, como descolonizá-la de tal

modo que não a universalizamos e nem a essencializamos? Como a diferença pode legitimar as múltiplas subjetividades e ao mesmo tempo não abafar a luta e reconhecimento das diferenças subalternas como humanidades? Ao assumir que as mulheres redefinem, descolonizam e afirmam a diferença, a feminista negra Audre Lorde anuncia um novo tempo para que possamos descolonizar a noção de diferença e, junto dela, trazer o essencial que a própria diferença nunca fez questão de marcar: idade, raça, classe, capacitismo e sexo e outros marcadores sociais.

Ao trazer esses marcadores, Audre Lorde, traz a humanidade que sempre foi negada pela própria diferença que tem, por sua vez, marcas profundas na colonialidade do poder. De fato, o feminismo negro redefine a diferença, salientou Audre Lorde (quando traz em cena a humanidade, amplia esse conceito e restitui ao outro a sua plena humanidade, e junto com ela traz toda caixa de ferramenta como subalternidade, lugar de fala, empoderamento, interseccionalidade que não são meras palavras, signos, mas agências, máquinas de guerras que compõem a gramática negra e amplia a semântica do feminismo negro.

Mas que isso, se o feminismo negro decolonial entrou de vez no *logos* da nossa história estamos aqui falando de epistemologias. Estamos falando de justiça epistêmica. O feminismo negro passa a assumir a expressão da diferença na medida em que traz a delicadeza dessas ferramentas para pensar a complexidade de nós mesmos, junto como os desdobramentos dos marcadores sociais. Diz nos Audre Lorde em seu clássico texto de 1980, *Idade, raça, classe e sexo: as mulheres redefinem a Diferença*:

Certamente **existem diferenças** muito reais entre nós com relação a raça, idade e sexo. No entanto, não são essas **diferenças** que estão nos separando. É, antes, nossa recusa em reconhecê-las e analisar as distorções que resultam de as confundirmos e os efeitos dessas distorções sobre comportamentos e expectativas humanas (LORDE, 2019, p. 142-grifos meus).

Em outras palavras, segundo Audre Lorde (2019), existe uma “rejeição institucionalizada da diferença”, pois temos uma propensão a ignorá-la, descartar as pessoas, pois como humanos, fomos programados para responder às diferenças humanas com aversão e medo, a ponto de querermos destruímos o subalterno.

Ou seja, para ela, nós não desenvolvemos em nós “ferramentas para usar a diferença humana como um trampolim que nos impulsiona para a mudança criativa em nossa vida. Não falamos de diferenças humanas, mas de humanos desviantes” (LORDE, 2019).

É nesse sentido que ela nos desperta para poesia, para a arte, pois essa visão criativa pode nos ajudar a “recriar a tessitura de nossas vidas”. Nesse caso, continua a feminista lésbica e negra estadunidense Audre Lorde (LORDE, 2019), “ignorar as diferenças de raça entre as mulheres e as implicações dessas diferenças, representa uma seríssima ameaça à mobilização do poder coletivo das mulheres”.

A diferença deixa de ser uma expressão metafísica, essencialista, “ontológica” uma “fantasia colonial” e passa a ser uma expressão de um modo de vida negro, uma categoria viva e atuante no próprio sujeito. É um agenciamento, um *ethos*, um modo de ser, de viver e pensar a si mesmo enquanto sujeito

coletivo. Passa a ser um feminismo decolonial negro situado:

É essa diferença que os convido a assumir e explorar para que ela não seja usada contra vocês nem contra mim. É no interior das nossas diferenças que somos mais poderosos e mais vulneráveis, e afirmar as diferenças e aprender a usá-las como pontes entre nós, em vez de como barreiras, são tarefas bem difíceis (LORDE, 2020, p. 42).

Nesse caso, há uma reviravolta na maneira de pensar o signo da diferença a partir das demandas do feminismo negro decolonial que nos localiza, nos individualiza e valoriza nossas múltiplas subjetividades, afastando-se dessa forma, da diferença eurocêntrica, pois como sabemos, a noção de diferença tem um cheiro e um jeito, uma impregnação colonial, eurocêntrica. A diferença é uma herança ocidental que está mais no plano “ontológico”, metafísico, portanto, universal. Dito de outro modo, é o feminismo negro que nos traz de fato a Diferença quando propõe descolonizar essas palavras, trazendo a complexidade da gramática interseccional e no bojo de suas questões, os marcadores sociais da diferença:

Não me sinto diferente de ninguém”. Acredito que não foi por acaso que cada um de vocês ouviu minhas perguntas como “Vocês são melhores do que? Entretanto, vocês estão sentados aqui, agora, porque em determinado momento, e por alguma razão, ousaram ser excelentes, se destacaram. E, aqui neste lugar e instante específicos, isso se faz diferentes (LORDE,2020, p42).

Em Audre Lorde a diferença se funda a partir da rebeldia e da revolta diante do já dado pelo poder/saber. A diferença é produzida pela agência e pela

experiência de mulheres negras e demais corpos racializados que vivem e sentem o peso das opressões. Esse giro nos permite uma complexidade maior e uma ação política mais ampla de liberação que questione a heterossexualidade como regime político imposto e que tensione a “nação” heterossexual. Pensar a diferença nesses termos somente passa ter sentido quando é pensada pelos oprimidos, os sujeitos subalternos que resistem ao poder/saber/patriarcal/capitalista/imperial. Somente as experiências racializadas atravessadas pela classe e pelo gênero podem propor um novo construto da diferença. Se para ser decolonial é preciso ser antirracista, para afirmar a diferença decolonial, precisa ser, necessariamente, uma pessoa atravessada por opressões marcadas. Se não for assim, será apenas uma retomada e uma narrativa sedutora que faz parte de toda uma fantasia colonial, ou seja, uma decolonilidade de vitrine para ser novamente engessada nos moldes acadêmicos, para manter o *status quo*.

Dito de outra maneira, tentar pensar a diferença em termos decoloniais, significa conversar diretamente com o feminismo negro e com o feminismo decolonial. Significa dessenhorrar, despatriarcalizar a diferença e arrancá-la de vez dos braços hegemônicos, masculinos, brancos e heterossexuais. Foi a socióloga María Lugones quem trouxe a discussão para o debate ao problematizar a colonialidade de gêneros. Portanto, é necessário retomar:

Quando penso a colonialidade dos gêneros, eu torno complexo esse entendimento do sistema capitalista global de poder, ao mesmo tempo que critico seu entendimento de gênero apenas no que se refere ao acesso sexual às mulheres. Uso o

termo colonialidade para nomear não apenas uma forma de classificar pessoas através de uma colonialidade do poder e dos gêneros, mas também para pensar sobre o processo ativo de redução das pessoas, a desumanização que as classificam para a classificação, o processo de subjetivação a tentativa de transformar o colonizado em menos que humano (LUGONES, 2014, p. 361).

Dito de outro modo, é importante salientar que María Lugones, ao trazer a discussão acerca da diferença decolonial de Walter Dignolo e a colonialidade do poder do sociólogo peruano Aníbal Quijano, ela critica, amplia, expande e sofisticada a discussão, pois segundo ela, a colonialidade dos gêneros a permite compreender a imposição opressora:

Meu entendimento da colonialidade do poder pressupõe a diferença colonial como sua condição de possibilidade e como aquilo que legitima a subalternização do conhecimento e a subjugação dos povos (MIGNOLO, 2020, p.40).

Não podemos esquecer que mesmo não existindo categorias como “decolonialidade” ou “diferença decolonial”, no Brasil, feministas negras como Lélia Gonzalez e Beatriz Nascimento já estavam propondo um novo giro no pensamento. A categoria “giro decolonial” tal como foi pensada por Maldonado-Torres (2008) é, de certo modo, efeito dessa tradição de mulheres que, de alguma maneira, já erguiam as suas vozes e propunham uma nova forma de pensar. Lélia Gonzalez, ao promover deslocamentos no interior da própria linguagem, traz a diferença no coração da amefricadina, ao nos convocar a pensar em pretuguês. Sem uma “batalha discursiva” não há giro no pensamento, pois é nessa batalha, junto com o corpo, que

promovemos a diferença decolonial. Assim fez também Beatriz Nascimento com a noção alternativa de quilombo, que passou a ter um significado mais sofisticado e complexo. Aquilombar é a forma mais sofisticada de deslocar e descolonizar a diferença hegemônica. O quilombo se ergue sob o signo da diferença, como legítima a subalternização do conhecimento e a subjugação dos povos, lembrando levemente Walter Dignolo.

Considerações finais

Propus aqui descolonizar a filosofia da diferença eurocêntrica a partir da diferença pensada pelo feminismo negro e decolonial. Trouxe o pensamento de Lélia Gonzalez, especificamente a sua filosofia em “Pretoguês” e outras teorias feministas e decoloniais para tentar dar conta de argumentar que com ela começa o que chamo de feminismo decolonial no Brasil e inaugura, com isso, um novo giro epistemológico, juntamente com o feminismo negro e movimento de mulheres. Para esse movimento, tentei tecer algumas críticas à Filosofia e propor sair dela através dela mesma. No entanto, é preciso desmontar a narrativa da diferença em termos eurocêntricos. Sem dúvidas, Lélia Gonzalez foi a primeira pensadora da Diferença decolonial que chamo aqui de filosofia decolonial brasileira:

Trata-se de um olhar novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve

trocado o T pelo D para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: Améfrica Ladina (não é por acaso que a neurose cultural brasileira tem no racismo o seu sintoma por excelência) (GONZALEZ, 2020, p. 127).

Mais que isso, foi quem introduziu o feminismo negro decolonial a partir de seu modo “ladino” ou “afroladino”. Tivemos o feminismo negro como um novo giro epistemológico que pavimentou caminhos e encruzilhadas para hoje estarmos aqui descolonizando a diferença e pensando a nossa diferença a partir de nossa ancestralidade, nossas corporeidades e de nossos modos de vida.

Os três movimentos articulados aqui, a filosofia da diferença, enegrecendo a diferença e descolonizando a diferença se interligam, pois é uma tentativa de propor sair do cânone filosófico que nos fez vez e pensar a diferença nos moldes coloniais que sempre teve como propósito inferiorizar e hierarquizar os saberes e, ao fazer isso, desautoriza e apaga outros saberes. Dito de outro modo, é na diáspora e partir dela que podemos desmantelar a diferença colonial. Falar da diferença fora desse território, desse *ethos* e dessa visão de mundo diaspórica é ainda manter o *status quo* da diferença ocidentalizada, ou seja, é desumanizar, inferiorizar e bestializar tudo o que estiver fora dos cânones eurocentrados.

Por fim, ao propor enegrecer e descolonizar Filosofia da diferença, trouxe a urgência de fortalecermos a tradição de Aimé Césaire e Franz Fanon e as suas influências no pensamento negro, pois foi a partir daí que passamos a ressignificar e descolonizar a diferença, deslocando-a de seu chão eurocentrado e passamos a pensá-la a partir das margens, de múltiplos

processos de subjetivação do povo preto.

Referências

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. In: **Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto**. Organização de Heloísa B. de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**; Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; traduzido por Sebastião Nascimento e colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**/Organização de Flávia Rios, Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivas. In: **Griot: Revista de Filosofia Amargosa**, Bahia. v.4, n.2, dez/2011.

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo decolonial**. Estudos Feministas, Florianópolis, set/dez, 2014.

MALDONADO-TORRES, Nelson. **La descolonización y el giro des-colonial**. In: *Tábula Rasa*. Bogotá – Colombia, No.9: 61-72, julio-diciembre 2008.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

QUIJANO, Aníbal: **Ensayos em torno a la colonialidad del poder**: compilado por Walter Mignolo. 1ª ed.- Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

Recebido em 2023-02-10
Publicado em 2024-05-31